



Apontamentos acerca da relação entre a fonte especializada e o jornalista na produção de jornalismo científico em rádios universitárias brasileiras durante a pandemia

Paulo Roberto Santhias¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Universidade da Beira Interior

Resumo: Este artigo propõe reflexões sobre a prática do jornalismo científico, analisando a relação entre a fonte especializada e o jornalista em reportagens e entrevistas da cobertura de rádios universitárias brasileiras sobre a pandemia da COVID-19. As estratégias metodológicas aplicadas são a análise de conteúdo e a revisão bibliográfica. Com base na audição de programas, de que maneira a informação científica é entendida e (re)elaborada nas etapas de produção e veiculação para chegar à audiência com correção e compreensível. São analisadas produções das emissoras universitárias: Rádio USP (São Paulo), Rádio UFMG Educativa (Minas Gerais), Rádio UFRJ (Rio de Janeiro) e Rádio Unicamp (Campinas/SP), no período de 16 de abril a 9 de junho. Trata-se de pesquisa exploratória, empírica e de análise do conteúdo radiojornalístico.

Palavras-chave: radiojornalismo científico; rádio universitária; programação; ciência; Covid-19.

1. Introdução

A audiência crescente por reportagens e entrevistas de rádio sobre o novo coronavírus (SARS-CoV-2) e a Covid-19 evidenciam o interesse do ouvinte à ciência. Vol-

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior, Portugal e doutorando em Jornalismo PPGJOR – UFSC, cotutela. E-mail: prsanthias@gmail.com – Orientado pela Prof. Dr.^a Valci Zuculoto, PPGJor UFSC; Prof. Dr. Ricardo Moraes UBI/PT

tados, principalmente, para temas de medicina e saúde, desde 26 de fevereiro, quando foi registrado em São Paulo o primeiro caso de Covid-19 no Brasil.

Fato constatado neste período de pandemia pelo levantamento do Kantar Ibope Media, divulgado em 16 de junho, que aponta: “74% dos ouvintes de Rádio afirmaram que estão mantendo ou aumentando o consumo do meio durante o isolamento. O número é maior que o levantado na onda anterior (abril) que era de 71%.”² Dado contrastante em relação à pesquisa do Instituto Kantar advém da Pesquisa de Percepção Pública da C&T no Brasil 2019. Corresponde a questão “Hábitos culturais e acesso à informação sobre C&T”, no qual aponta que do total de entrevistados na pesquisa (2.200 pessoas), no tópico Programas de rádio: “3% declararam que consomem informação sobre ciência e tecnologia, frequentemente; 15%, às vezes e 93% raramente ou nunca”.

Medicina e saúde são áreas de interesse da maioria da população brasileira, segundo a Pesquisa de Percepção Pública da C&T no Brasil 2019³: “os três temas que os brasileiros consideram de maior interesse (entre os oito investigados) continuam sendo medicina e saúde; meio ambiente; e religião. Em 2019, os índices foram, respectivamente, de 79%, 76% e 69%. E 62% dos respondentes estão interessados ou muito interessados em algum assunto relacionado a “ciência e tecnologia”.

O interesse crescente do brasileiro por ciência, associado a audição de programação radiofônica sobre Covid-19, incluindo as rádios universitárias, sinaliza uma redescoberta do jornalismo científico. Equipes de jornalismo de rádios universitárias de sinal aberto e na internet produzem programas e matérias entrevistando fontes internas das universidades. São produções da realidade científica em meio ao fenômeno de saúde pública inédito e incontrolável mundialmente pelo estado e desconhecido pela ciência.

Decorre da pandemia a aproximação na relação cientista e jornalista, valorizando o jornalismo científico compreendendo-o como uma área especializada e vital entre a ciência e o dia-a-dia. Como declarou o jornalista André Biernath, especializado em ciência: "Sem ciência, não temos conhecimento e sem jornalismo para levar essa informa-

² Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/23645-o-radio-hoje-levantamento-do-kantar-ibope-media-revela-aumento-do-consumo-de-radio-durante-a-pandemia> Acesso: 21 jul. 2020.

³ Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_pub_CT.pdf Acesso: 21 jul. 2020.

ção ao público, o conhecimento permanece nas instituições"⁴. Conexão permeada pelo entrosamento entre a fonte especializada e jornalistas, por informação qualificada.

A “infodemia”, designação da Organização Mundial da Saúde para a onda de notícias falsas e verdadeiras, e a proliferação de notícias falsas em circulação crescente afetam toda a sociedade. No embate, o jornalismo científico tem por responsabilidade desqualificar notícias falsas e desinformações. Para divulgar a informação apurada com rigor e precisão. Um pilar da democracia.

Nas rádios universitárias o início da relação com a fonte especializada se estabelece na etapa de apuração e produção da notícia, já projetando o resultado do programa informativo. Perpassa nesta fase a decodificação de conceitos científicos, termos técnicos, explicações e exemplificações sobre o assunto para ser compreendido pelo jornalista, a fim de processar, reelaborar e formatar em roteiro radiofônico. Para Bueno (2010, p.5), “é fundamental reconhecer que a decodificação do discurso especializado ou a ressignificação dos conteúdos especializados abre espaço para a incompreensão entre fontes e divulgadores/jornalistas porque eles estão inseridos em culturas profissionais que contemplam a C&T de forma diversa.” Acrescenta Fabíola, aplicando o raciocínio ao rádio:

O jornalista vai anotando tudo que o cientista fala, sem entender muito o que escreve, e na hora de redigir o texto, ou repetir o que copiou ou tenta traduzir o que não entendeu. E se o jornalista não entendeu, o leitor vai entender menos ainda. O bom jornalista não deve nunca ter receio de perguntar e admitir que não sabe. Ainda que a resposta seja óbvia para o cientista, que convive diariamente com suas pesquisas e com o seu jargão, pode não sê-lo para o jornalista e muito menos para o público. (OLIVEIRA, 2002, p. 48-49).

À interlocução com o cientista, cabe ao entrevistador buscar a informação relevante para o ouvinte. Melo; Ribeiro (2014, p.107) compreendem esta capacidade como recurso responsivo do jornalista: “Ele representa o leitor/radiouvinte/telespectador nesse ato tão simples. Fazendo as perguntas certas no momento adequado. Calando quando necessário, para potencializar a voz do protagonista escolhido. Discordando eventualmente para instaurar um clima de controvérsia que induz à reflexão crítica.”

Da convivência assentada no “campo” de relações (de poder) entre o cientista e o jornalista emergem ideias e informações essenciais. Etapa de apuração e produção da

⁴ Disponível em <https://ijnet.org/pt-br/story/o-jornalismo-cient%C3%ADfico-e-seu-lugar-necess%C3%A1rio-na-m%C3%ADdia-latino-americana> Acesso: 21 jul. 2020.

notícia que pende ora para um lado, ora para outro, conforme Costa Junior (2017, p. 53): “Tais relações podem ser vistas também dentro de uma visão que concebe o jornalismo como uma forma social de conhecimento, distinta da ciência e do senso comum, ao mesmo tempo em que reproduz conhecimentos produzidos por outras formas.”

Importa ressaltar também os três pilares à existência das universidades: ensino, pesquisa e extensão. O rádio universitário tem o papel mediador entre a comunidade universitária e público externo. Tem vocação inerente como lócus gerador para reunir profissionais, professores, pesquisadores e alunos acerca de jornalismo especializado.

O objetivo deste trabalho é analisar entrevistas e reportagens de quatro rádios universitárias, duas com sinal hertziano e duas web rádios São as emissoras: USP FM (São Paulo), UFMG Educativa; UFRJ FM e Rádio Unicamp (Campinas).

2. Referencial teórico para o radiojornalismo científico

A programação educativa e científica estrutura a base das transmissões radiofônicas de emissoras públicas e universitárias desde a implantação das duas modalidades de rádio no Brasil, além da cultural. Zuculoto (2012, p. 93) historiciza “... a rádio Sociedade veiculava cursos de Português, Inglês, Francês, Física, Química, História do Brasil e até aulas de Silvicultura Prática, ministradas por um professor de botânica do Museu Nacional.”

Esses modelos carregam potencial inspirador permanente à criação de programas. Caso de A Hora do Fazendeiro, que desde o início vem unindo o conteúdo educativo e científico ao informativo. É um dos mais antigos programas brasileiros, emitido pela Rádio Inconfidência, 880 KHz, Minas Gerais. Durante o 2º Encontro Nacional Rádio e Ciência, realizado em Belo Horizonte, em setembro de 2008, pela Universidade Federal de Minas Gerais, o expositor Jairo Anatófilo Lima, em tom humanizado, relatou:

“E como é que esse programa funcionava? O ouvinte do interior, o fazendeiro ou agricultor, escrevia para a rádio fazendo uma consulta: como é que ele ia tratar o gogo da galinha, como é que ele criar o gado, se tinha problemas na cultura do alho, da cebola, como é que ele fazia isso. Nessa época o deslocamento de engenheiros [agrônomos] e veterinários para o interior era muito difícil e, então, através do *Meia Hora do Fazendeiro* poderíamos ter uma comunicação imediata.” (ANAIS, 2008, p. 73)

Com uma pequena alteração no nome, hoje chamado de A Hora do Fazendeiro, o programa está no ar há 84 anos. Quando começou, em 7 de setembro de 1936, chamava-se *Meia Hora do Fazendeiro*. Hoje, o programa é apresentado por Tina Gonçalves, de segunda a sexta-feira, das 17h às 19h. Além de aspectos culturais do interior do estado, traz também informações científicas e educativas relacionadas à agronomia e pecuária. Como a entrevista sobre o Zoneamento Agrícola de Risco Climático ampliado⁵, com o pesquisador da Embrapa Cerrado, Fernando Macena. A matéria, com duração de 4’31”, foi feita por Márcia Bueno sendo repositada no portal eletrônico da emissora em 12 de março de 2020.

As rádios universitárias, desde o começo das transmissões no Brasil, alicerçaram suas programações à educação, cultura e ciência. Do próprio entendimento de emissoras educativas à de universitárias há contribuições significativas da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Conforme raciocina Zuculoto (2012, p.166-170), as coberturas jornalísticas das Reuniões Anuais da SBPC feitas por rádios universitárias de 1994 a 2002, associadas a formação da Rede Universitária de Rádio impeliram à relevância do jornalismo científico.

Radiojornalismo científico é expressão que se verifica ainda em construção teórica. Especialização menos assentada do que divulgação científica ou popularização da ciência. Escuta-se pouco nas emissoras de antena e webmissoras: “esta é uma matéria de radiojornalismo científico”. A pesquisadora Zuculoto apresentou questão relevante à teorização:

“Então, vamos pensar no radiojornalismo científico. Não vou fazer aqui uma distinção entre divulgação da ciência e jornalismo científico. Se fôssemos fazer uma distinção, conceituar cada uma delas, rapidamente eu poderia dizer que podemos entender a divulgação da ciência como um mero relato. Informação sobre ciência, no sentido mais reduzido da informação. Já jornalismo científico, poderíamos conceituar como informação científica que vai além, que aprofunda, que reflete, que amplia pelo debate e pela pluralidade de discursos, incluindo a pluralidade de fontes.” (ANAIS, 2008, p. 36).

Entre o discurso científico, o texto jornalístico do impresso e o radiofônico há características e especificidades. Se do texto escrito para o falado depara-se com tantas dificuldades o contrário também está intrincado em se tratando de assunto pertinente à

⁵ Disponível em: <http://inconfidencia.com.br/modules/debaser/singlefile.php?id=20398> Acesso: 11 jul. 2020.

ciência. A linguagem radiofônica deriva da impressa, e necessita configurar adaptações até culminar em texto específico de radiojornalismo científico. Conforme a reflexão de Meditsch:

“A perspectiva da teoria do discurso, porém, vê a forma também como produto do conteúdo. Introduzindo a questão dos gêneros, observa que a função referencial do jornalismo vai determinar a sua própria forma de expressão através do rádio, adaptando as leis que governam a linguagem sonora às suas necessidades. A adaptação se dá num processo de tensão e acomodação entre convenções importadas do jornalismo impresso e a especificidade do modo de produção radiofônico, que resulta numa linguagem em grande parte nova e específica.” (MEDITSCH, 2007, p. 216).

No processo da decodificação à recodificação (Bueno) a adaptação do enunciado da ciência à linguagem radiofônica tem seu percurso sustentado pelo conhecimento específico do jornalismo de rádio. Para isso o profissional deve reunir competências e habilidades, conforme Fabiola de Oliveira:

É claro que o jornalismo científico requer, no mínimo, além de bom conhecimento de técnicas de redação, considerável familiaridade com os procedimentos da pesquisa científica, conhecimentos de história da ciência, de política científica e tecnológica, atualização constante sobre os avanços da ciência e contato permanente com as fontes, a chamada comunidade científica. O uso e o abuso da metalinguagem são excelentes recursos para aproximar o público leigo das informações científicas. Quando as pessoas conseguem associar um princípio ou uma teoria científica a alguma coisa que lhes é familiar, fica muito mais fácil a compreensão do assunto, e a comunicação científica torna-se eficaz. (OLIVEIRA, 2002, p. 43-44).

3. Análise dos conteúdos

Este trabalho analisa as produções de quatro rádios universitárias, duas com sinal hertziano e duas web rádios cujo tema, de radiojornalismo científico, sobre o novo coronavírus e a Covid-19. São: USP FM, UFMG Educativa; UFRJ FM e Rádio Unicamp.

As emissoras estão localizadas no Sudeste do país, região onde a experiência de rádios universitárias e a infraestruturas são consagradas, e por concentrar a maioria da população brasileira, caso da USP FM e UFMG Educativa. Outro critério à escolha envolve a experimentação à web rádio: UFRJ FM e Rádio Unicamp.

3.1 Rádio USP FM

Tabela 1: Entrevista Jornal da USP

Veículo: Rádio USP FM – 93,7 (São Paulo) - Data de postagem: 04.06.2020
Programa: Jornal da USP
Matéria: Atenção básica não é utilizada na política de combate ao coronavírus
Gênero radiofônico: Entrevista
Tempo: 14'04"
Apresentação: Roxane Ré
Entrevistada: Aylene Bousquat; coord. da Pesquisa – Faculdade de Saúde Pública da USP.

Fonte: Autor

Análise do conteúdo:

A jornalista Roxane Ré chama direto à entrevista sem interpor uma vinheta ou efeito sonoro de corte na programação, e informar o ouvinte sobre a entrevista a ser iniciada. O tema da entrevista: “Atenção Básica não é utilizada na política de combate ao coronavírus”, é de interesse público, suscita preparação e planejamento à abordagem que propicie a compreensão plena do jornalista, bem como a do ouvinte.

O tema central é sobre política de Saúde Pública, e o contíguo se refere ao da pesquisa denominada: Desafios da Atenção Básica no Enfretamento da Pandemia da covid-19 no SUS, coordenado pela professora Aylene Bousquat, que também é docente da Faculdade de Saúde Pública de SP.

A jornalista pergunta: Que impacto vem tendo a Atenção Básica no Sistema Público desde o início da pandemia?

De imediato, a pesquisadora informa o ouvinte sobre a relevância da Atenção Básica para o Sistema de Saúde quanto ao atendimento e mitigação da Covid-19, e enfatiza um quadro de estrutura humana ao mencionar o número de agentes comunitários e da inexistência de um controle sobre recursos e políticas do setor:

Então precisamos ter estratégias para que a Atenção Primária, a Atenção Básica, os postos de saúde consigam dar conta e atender essa população. Diminuir o atendimento dessa pandemia. Temos que lembrar que muitos municípios brasileiros o único serviço de saúde disponível são as unidades básicas de saúde. Nós temos hoje, no Brasil, cerca de 260 mil agentes comunitários

de saúde. Com políticas adequadas esses agentes poderiam estar ajudando profundamente, no território, a estar acompanhando e melhorando a saúde da população e estar enfrentando melhor essa pandemia. Os recursos da Atenção Primária não têm sido utilizados e priorizados nas políticas. E isso é um erro.

Nesta etapa inicial, deveria ter sido pedido à entrevistada para explicar e exemplificar o que é a Atenção Básica na Saúde, e o que tem a ver com o atendimento no Posto de Saúde do bairro. Lembrar que todo cidadão tem direito a este serviço público, pela Constituição Federal. Em seguida, ligar a questão ao serviço de atendimento do paciente de covid-19, por meio da Atenção Básica. Propicia ao ouvinte à compreensão da necessidade de informações fundamentais no Posto de Saúde.

Na terceira pergunta, foi questionado especificamente sobre a pesquisa coordenada por Aylene.

Essa pesquisa está sendo coordenada por mim. E tem mais 4 professores que são de instituições brasileiras, que é a Escola Nacional de Saúde Pública, da Fiocruz, as professoras Ligia Giovanelli e Maria Helena Mendonça, o prof Fachini, da Universidade Federal de Pelotas (RS) e a prof. Maria Guadalupe Medina, da Universidade Federal da Bahia. É uma iniciativa da rede de pesquisa, da Abrasco junto com a Opas. Na USP todos os docentes tentaram ver em que momento as suas linhas de pesquisa podiam contribuir para a sociedade para enfrentar a pandemia da Covid-19. E a gente identificou que uma área importante é essa área de pesquisa, dentro do sistema de saúde, que é a Atenção Primária. A partir disso, viabilizamos essa pesquisa. A gente apresentou essa proposta, esses outros professores e mais a rede, todos achamos que é uma proposta importante e montamos uma pesquisa que é bem simples no sentido de operacionalização. Por isso que é muito bom a gente estar conversando, para divulgar. Ela é um survey on line, direcionado para profissionais de saúde e para gestores do Sistema Único de Saúde, no qual a gente faz um diagnóstico das medidas. Trabalhando em 4 eixos que a gente considera que seriam importantes, que a Atenção Primária está fazendo, e mais a questão dos equipamentos de proteção individual, no caso do profissional de saúde, e aí as pessoas entram na internet, preenchem as questões, e depois a gente vai ter uma ideia do que está acontecendo, se foi adaptada, essas perguntas que você fez no começo. Se a nossa Atenção Primária está fazendo, ou não está fazendo. Nós temos experiências maravilhosas acontecendo no país, muito interessantes. Em Belo Horizonte, no RJ, em Niterói, em Rurópolis, nos cenários mais diferentes têm coisas lindas. Porque essa é uma das coisas mais bonitas que a gente tem em nosso país é o comprometimento dos trabalhadores do SUS com a saúde da população. Então tem experiências interessantes. Vamos identificar esses cenários, essas experiências e a nossa proposta é retornar para os gestores. Todos os estados que quiserem, ao final da pesquisa, vai ficar um mês no ar, já tem uma semana, vai ficar mais 20 dias no ar, e depois com o relatório a gente vai apresentar para os gestores, para os secretários de saúde dos estados, porque eles podem, a partir daquilo, tirar propostas, identificar as melhores estratégias.”

São dois pontos analisados na pergunta 3. O primeiro se refere a expressão *survey online*. É básico traduzir a expressão do inglês para o português, que significa “pesquisa pela internet” (tradução livre). Isto não foi feito. Nem todo o ouvinte sabe do que se trata.

Observa-se no modo como foi feita a locução que a jornalista captou informações do portal da universidade. Subentende-se que não houve tempo de preparar um roteiro para aprofundar as questões. Sendo assim, a apresentação pendeu mais para o lado da improvisação e de respostas dadas para o portal da Universidade.

3.2 Rádio UFMG Educativa

Tabela 2: Entrevista Rádio UFMG Educativa

Veículo: UFMG Educativa FM 104,5 (BH) - Data de postagem: 09.06.2020
Programa: (sem nome) chamado informalmente de bate-papo.
Matéria: Estudo da UFMG aponta falhas nas políticas do governo federal no combate à Covid-19.
Gênero radiofônico: Entrevista
Tempo: 18’20”
Apresentação: Luíza Glória
Produção: Arthur Bugre
Entrevistada: Fernanda Cimini, coord. da pesquisa e professora do departamento de Ciências Econômicas, da UFMG.

Fonte: Autor

Análise do conteúdo:

Há dois pontos básicos à entrevista, anteriores à pauta do programa que é “Estudo da UFMG aponta falhas nas políticas do governo federal no combate à Covid-19”. São temas polêmicos envolvendo a política geral do governo e o plano de administração pública, incluindo o SUS, além da condução da economia nacional. Mas, por questão de comunicação institucional foi enfatizada a pesquisa como critério de noticiabilidade.

Antecedendo a entrevista ouve-se a vinheta da emissora, voz feminina: “UFMG Educativa, a estação do conhecimento.” A identificação é um ato fundamental a destacar o programa seguinte.

Após mixa trilha e abre o roteiro de apresentação da jornalista Luíza Glória. Ela fala sobre a situação brasileira. Luíza Glória, auxiliado na produção por Arthur Bugre, conversou com a cientista Fernanda Cimini, professora do departamento de Ciências Econômicas, da UFMG, e coordenadora da pesquisa “Estudo da UFMG aponta falhas nas políticas do governo federal no combate à Covid-19”, feita no Cedeplar (Centro de Desenvolvimento e Planejamento). Pelo estudo foram analisadas as principais políticas do governo federal para o enfrentamento da Covid-19.

L.G.: Quando a gente pensa na aquisição de teste, de equipamentos respiratórios, da preparação de uma categoria da saúde para receber as pessoas doentes, quais foram as medidas que o governo federal adotou, como vocês analisaram essas medidas?

F.C.: “Isso é interessante, porque a gente está falando de dois eixos de recorte que precisa dessa pandemia. Primeiro é o **achatamento da curva**, que nós acabamos de falar e essa que você está mencionando, que seria o aumento da capacidade de enfrentamento. É óbvio que nenhum país está preparado para lidar com uma pandemia dessa proporção, com essa gravidade. Mas o Brasil já conta com sistema de saúde estruturado, que é o SUS. Claro, tem problemas, foi sucateado o longo dos últimos anos mais recentes. Mas já é uma capacidade institucional escalada. Então o Brasil tinha essa vantagem e, de fato, nos primeiros meses, nesse início de março, principalmente, houve sim, uma série de medidas para expandir leitos, com essa construção de hospitais de campanha, a própria aquisição de testes que também vai nessa linha de enfrentamento. O problema é que no momento que está se preparando é o que você também tem que criar medidas de contenção, não pode ter a preparação e a escalada na mesma forma. E o problema que a gente viu no Brasil não foi feito assim. A capacidade estava sendo construída sem que houvesse uma **prevenção associada**. O que gerou que a gente viu em algumas cidades Manaus, RJ e SP essa explosão de casos e o próprio esgotamento do sistema.”

L.G.: “E a sra. usou aí a palavra contramão e gostaria de a gente finalizar pensando num geral, num balanço sobre o que já foi adotado pelo governo federal até aqui. O Brasil está na contramão do combate ao coronavírus, prof?”

F.C.: “Essa resposta não é só minha, mas compartilhada com vários estudos e também analistas nacionais e internacionais. A gente tinha uma vantagem nessa questão. A gente tem um sistema de saúde robusto para o nosso nível de desenvolvimento. Mas o Brasil conseguiu perder essa vantagem e de fato se tornar o maior epicentro não só na A.L. mas no mundo. Acho que já responde um pouco a sua pergunta se a gente está na contramão. A gente desperdiçou a oportunidade de controlar essa crise no momento inicial.”



Das duas questões transcritas do roteiro, a do achatamento da curva foi respondida pela pesquisadora. Mas faltou o detalhamento e a explicação do que vem a ser “prevenção associada”, e como se constitui no atendimento do serviço público.

Na última pergunta, surgiu o tema que menciona o Sistema de Saúde nacional (SUS). Escapa uma oportunidade de dizer como, na prática, poderia haver uma gestão melhor do SUS.

3.3 Rádio UFRJ FM

Tabela 3: Reportagem de ciência Rádio UFRJ

Veículo: Rádio UFRJ FM (88,9) - Data da postagem no Spotify: 21.05.2020
Matéria: ‘Fake Science’ amplifica drama da desinformação na pandemia
Gênero radiofônico: reportagem de ciência
Tempo: 6’10”
Apresentação: Eliandra Bussinger
Edição: Gustavo Siqueira
Entrevistada: Thaianne Moreira – pesquisadora da Universidade Federal Fluminense
Audição: https://www.radio.ufrj.br/noticias/%E2%80%98fake-science%E2%80%99-amplifica-drama-da-desinformacao-na-pandemia

Fonte: Autor

Análise do conteúdo:

O áudio abre com a vinheta: “Rádio UFRJ, Informação e conhecimento”, valorizando o que virá. Logo após, entra a reportagem: “‘Fake Science’ amplifica drama da desinformação na pandemia”. A expressão infodemia, em português, foi uma designação da Organização Mundial da Saúde (OMS).

A reportagem trata do fluxo de notícias verdadeiras e falsas sobre Covid-19, do conflito entre a desinformação derivada de Fake Science versus a informação científica, gerada por pesquisadores e cientistas relevantes à sobrevivência da sociedade. A matéria

foi intitulada de forma correspondente à realidade, e não desvia para outros temas de comunicação institucional.

Mas a frase de abertura da reportagem: “Vira e mexe nos deparamos com alguma fake News.”, deveria ser seguida de uma tradução da expressão em inglês. E nesse mesmo trecho, ainda mais à frente, a repórter diz: ‘Fake Science’, sem explicar. Volta a mencionar fake News. Somente depois disso, mais à frente, é que se escuta o significado de ‘Fake Science’. A prática da linguagem radiofônica preconiza a tradução de expressões estrangeiras imediatamente ao falado. Ação que foi feita mais à frente, depois de muitas palavras ditas. Levou muito tempo para dizer que ‘Fake Science’ é a apropriação de elementos da linguagem científica e deslocada intencionalmente, de modo perverso no cotidiano. Exemplificada pelo uso da cloroquina no tratamento da Covid-19. Medicamento banido pela OMS à finalidade de cura da doença.

A pesquisadora Thaine Moreira falou do grau de responsabilidade do cientista “esse é o nosso maior desafio, é entender essas disputas epistemológicas, ideológicas, políticas e econômicas que estão envolvidas nesse processo de circulação da desinformação. Entender e diagnosticar é a principal coisa que a gente pode fazer nesse momento.” Destaca-se nesta parte da reportagem o quanto a ciência, a educação, a saúde e a política transpõem domínios de poder para definir o destino da sociedade.

A repórter encerra, corretamente, informando que o modo de controlar a disseminação de Fake Science é com a formação de grupos diversos, independentes e externos às plataformas na internet com o objetivo de monitorar e combater a infodemia.

3.4 Rádio Unicamp

Tabela 4: Reportagem especial de ciência – Rádio Unicamp

Veículo: Rádio Unicamp (web rádio) - Data da postagem 16.04.2020
Matéria: Mundo a distância (da série intitulada: Quarentena)
Gênero radiofônico: reportagem especial de ciência
Tempo: 22’01”



Apresentação: Carol
Entrevistados: Carolina – estudante de arquitetura Politécnico de Milão; Nicole – estudante de Ciências Contábeis (EAD); Bernardo Sorj, sociólogo e professor aposentado da UFRJ e Christian Dunker – psicanalista e prof da USP
Audição: https://www.rtv.unicamp.br/?audio_listing=oxigenio-89-quarentena-i

Fonte: Autor

Análise do conteúdo:

A reportagem especial Mundo a distância, da série Quarentena, abre usando efeito sonoro que remete a uma sirene. Depois, BG e corta à vinheta, voz masculina: “Você está ouvindo: Oxigênio.” Imediatamente corta para a entrada de áudio de trânsito de carros passando e buzinando nas ruas. Em seguida, entra a apresentadora Carol (não é dito o sobrenome). Narra um texto que transita entre literário e jornalístico, de 1’10”. A música de Raul Seixas, O dia em que a Terra parou, é tocada num paralelo à atualidade.

São entrevistados Carolina (sem sobrenome), estudante de arquitetura Politécnico de Milão; Nicole (sem sobrenome), estudante de Ciências Contábeis (EAD); Bernardo Sorj, sociólogo e professor aposentado da UFRJ e Christian Dunker, psicanalista e prof da USP. Tudo indica que os sobrenomes das estudantes foram omitidos intencionalmente na reportagem, além do da apresentadora. Não foi dita no decorrer da matéria se a opção foi dos entrevistados, da produção ou da apresentadora. A prática e o etos jornalístico recomendam informar.

Usando recursos da linguagem radiofônica a pauta trata de educação a distância em meio a pandemia do novo coronavírus e da Covid-19. Também das transformações vividas a partir de uma situação inusitada e incontrolável no mundo. Permeada por relacionamentos via internet, isolamento social e à atenção dos acontecimentos relativos a saúde, ao desenvolvimento da cura e da vacina.

A narração e entrevistas são pontilhadas com BG e trilhas sonoras diferenciadas para cada fonte. Para Carolina, estudante que estava na Itália, há BG só com violão tocando Bella Ciao. A música é interessante, porém remete a duas situações: ao fim do

fascismo ou a saída da estudante da Itália. Enquanto ela conta episódios de uma viagem dentro da Itália durante os últimos dias antes de voltar para o Brasil.

Nicole, aluna brasileira de Ciências Contábeis na modalidade EAD não saiu do país. Ela critica o EAD como estresse a distância. Comenta que uma parte significativa de professores que não sabe lidar com a tecnologia do ensino a distância.

O professor aposentado Bernardo Sorj, da UFRJ, avalia que o problema da inclusão digital no Brasil “deixa muito a desejar.” Mas, dos trabalhadores excluídos do digital nada foi falado.

Christian Dunker, psicanalista e professor da USP, falou da possibilidade de emoções traumáticas e das mudanças nas rotinas diárias para todos. Nessa temporalidade, ele avaliou o quanto a impessoalidade advinda da perda da corporeidade dessa comunicação afeta a sociedade. Poderia ter detalhado o assunto. Christian falou a palavra iatrogênicos, não “traduzida” para o ouvinte, equivocadamente. Significa doença com efeitos e complicações causadas como resultado de um tratamento médico.

Carol encerra com texto empático. Daí vem BG com trilha musical à sensação de esperança.

4. Considerações finais

A análise feita acerca das quatro produções radiofônicas, ainda que preliminar, evidencia a pertinência informativa qualificada pelo radiojornalismo científico de rádios universitárias. Temas não discutidos por emissoras comerciais, mas conversados no cotidiano da cidade, sobre desinformação e infodemia, novo coronavírus, Covid-19, SUS e EAD fazem parte da programação jornalística qualificada nas emissoras universitárias.

Das entrevistas apresentadas percebe-se o aprofundamento relativo às questões abordadas e algum nível de pesquisa em torno do tema, o aprofundamento dirigido pelo produtor da entrevista, como também se percebe mais espaço para as temáticas ao longo das conversas, tanto na Rádio USP, como na UFMG Educativa.

A reportagem especial de ciência, denominada Mundo a distância, fez o uso de recursos da linguagem radiofônica. Na matéria ouvem-se efeitos especiais, trilhas que

provocam a sensação de curiosidade e prendem a atenção do ouvinte como, por exemplo, a da primeira entrevista com a Carolina. Ela voltou da Itália e para emoldurar a entrevista, embora não seja recomendado o uso de trilha, a música *Bella Ciao* provoca o sentimento de ter estado naquele país e solta pouco mais a fala da entrevistada. A produção foi elaborada com base na expressão radiofônica à apresentação na Rádio Unicamp (web rádio).

‘Fake Science’ amplifica drama da desinformação na pandemia, veiculada na Rádio UFRJ, amplia a discussão de como se reelabora a reportagem científica no rádio. Uma entrevistada apenas, Thaianne Moreira, pesquisadora da UFF, e dela compreende-se haver mais informações e conhecimentos acerca do tema infodemia e desinformação. Tem-se a vontade de ouvir mais daquela fonte. Que ensine no diálogo pelo rádio a identificar as mensagens falsas e criminosas. Apesar desta pesquisadora poderia haver mais fontes na reportagem.

Nestes dias, em que o mundo virou de cabeça para baixo, a relevância do radiojornalismo científico torna-se evidente, assim como a necessidade de expandir a especialização jornalística na área da ciência. Seja por pesquisar a pandemia, o novo coronavírus, a Covid-19 e a saúde pública.

Mas seja também para abrir espaço para as demais áreas da ciência. Como as ciências sociais aplicadas e as ciências humanas, as quais estão mais presentes em assuntos de natureza política, econômica. Ou as ciências naturais invocadas quando de acidente natural e desastre ambiental, como Brumadinho, que impactou a sociedade.

Segundo Melo (2014, p. 40), o jornalismo científico “[...] esbarra, de maneira cristalina e inevitável, nas “relações de poder” que se estabelecem entre cientistas e jornalistas, estes configurando como “*newsmakers*”, propensos a socializar o conhecimento erudito, e aqueles atuando com “*gatekeepers*”, nem sempre dispostos a facilitar a popularização da ciência.” Percebe-se as relações de poder presentes na etapa da apuração e produção, a primeira, do conteúdo radiojornalístico.

A execução de uma peça de radiodrama, em outubro de 1938, ainda hoje provoca reflexões entre os pesquisadores de jornalismo no rádio. Evidencia-se em proporção

exponencial o quanto a apuração e a produção fundamentam a radiofonia. Um fato que o pesquisador Eduardo Meditsch enfatiza na história mundial do rádio:

A “Guerra dos Mundos”, radiodrama dirigido por Orson Welles e veiculado pela cadeia de rádio CBS, no dia 30 de outubro de 1938, provocou uma onda de pânico nos Estados Unidos, causando mortes por suicídio e acidentes em série, na fuga desordenada de uma suposta invasão da terra por marcianos. O efeito produzido no público deveu-se, principalmente, ao fato da realidade dramática ter sido apresentada, de maneira bastante convincente, na sua forma de uma cobertura jornalística. (MEDITSCH, 2007, p.176).

Guardando-se as devidas proporções, aplicando a base epistemológica e preservando a cultura por meio da metalinguagem, o radiojornalismo científico demonstra potencial à expansão na programação das rádios universitárias brasileiras. São estações de conhecimento responsáveis tanto pela informação qualificada de ciência como por conteúdos educativos.

Referências

- BUENO, Wilson da Costa **Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais.** *Inf. Inf.*, Londrina, v. 15, n. esp, p. 1-12, 2010
- ENCONTRO NACIONAL DE RÁDIO E CIÊNCIA, 2º, 2008, Belo Horizonte. **Anais.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Tema: Rádio e Ciência. 2008.
- JUNIOR, Carlito A. da C. **Estudo de caso da relação entre jornalistas e fontes na cobertura jornalística sobre o conhecimento produzido pela Udesc.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2017.
- MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação – Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo.** 2ª edição revisada. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2007.
- MELO, José Marques; RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalismo científico: Teoria e Prática.** São Paulo, INTERCOM, 2014.
- OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico.** São Paulo: Contexto, 2002.
- ZUCULOTO, Valci. **A programação de rádios públicas brasileiras.** Florianópolis: Insular, 2012.